

Jornal Paralímpico

PARA SEMPRE NA MEMÓRIA
Um balanço do evento que encantou os cariocas

DANIEL DIAS, O CARA DA RIO-2016
Nadador chega à marca de 24 medalhas em Jogos



ÍNDICE

3 | Editorial
Joachin Breur, diretor geral do Seguro Social Alemão de Acidentes de Trabalho (DGUV); Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro; e Fernando Ewerton, jornalista e professor da ECO/UFRJ, escrevem sobre o legado do evento

4 e 5 | Balanço dos Jogos
Os atletas, as imagens, os números, as curiosidades: momentos marcantes que fizeram da Rio-2016 um divisor de águas no esporte paralímpico mundial

5 | O adeus do campeão
O nadador potiguar Clodoaldo Silva se despede da carreira vitoriosa com uma prata no revezamento 4X50m livre misto – 20 pts

6 | Torcendo em silêncio
Modalidade exclusiva da Paralimpiada, o inusitado goalball conquista a torcida brasileira

6 | A eficiência do Brasil
Planejamento e investimentos na preparação dos atletas garantem recorde de medalhas

7 | A história de Tatyana e Hannah
Irmãs russa e albanesa, adotadas por americana, competem juntas pela primeira vez no atletismo, nos 100m categoria T54

7 | Campeã da solidariedade
A mesatenista polonesa Natalia Partyka cria fundação para apoiar atletas de seu país

7 | Histórias de superação
O perfil de três atletas que, no dia a dia, vencem dificuldades para treinar e competir em alto nível

8 | Erguida pela queda
Depois de emocionar o mundo ao cair na cerimônia de abertura, Márcia Malsar visita o Engenhão a convite do “Jornal Paralímpico”

8 | Mundo imperfeito
Jornalistas com deficiência contam a experiência de cobrir os Jogos e avaliam instalações

8 | Narração educativa
Audiodescrição mistura informações sobre os esportes com relato lance a lance

A emoção de viver o imprevisível

Estudantes brasileiros e europeus responsáveis pela pauta, apuração e redação desta edição do ‘Jornal Paralímpico’ contam como foi a experiência de participar da cobertura de um dos eventos esportivos mais importantes do planeta



A pedido do GLOBO, os 22 estudantes que produziram as reportagens desta edição e das edições em alemão e inglês do “Jornal Paralímpico” resumiram em poucas linhas a experiência de participar da cobertura de um grande evento esportivo. São jovens brasileiros e europeus, selecionados por meio de um concurso de redação que teve por jurados jornalistas do GLOBO, do diário alemão “Der Tagesspiegel” e um professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). O projeto, uma iniciativa do “Tagesspiegel” em associação com o Seguro Social Alemão para Acidentes de Trabalho (DGUV), começou nos Jogos de Atenas-2004. Prevê a publicação de dois suplementos especiais – um antes e outro depois do evento. Esta segunda e última edição do “Jornal Paralímpico” (a primeira circulou no GLOBO do último dia 7) reúne histórias de triunfos, despedidas, segundas chances, recordes e decepções, na visão de quem começa na carreira jornalística.

FERNANDA LAGOREIRO, 22 ANOS, CAMPINAS (SP)
“Cheguei no Rio de Janeiro cheia de expectativas e inseguranças. Mas é muito bom saber como se comportar frente a um atleta e tratá-lo da maneira correta. Quero ser correspondente internacional, e nada é mais gratificante que ter a oportunidade de cobrir um evento como a Paralimpiada. Além disso, como jornalista e cidadã, é muito importante poder quebrar estereótipos, dar às pessoas acesso à informação e mostrar o que há além da superação dos atletas.”

GUILHERME LONGO, 23, FLORIANÓPOLIS (SC)
“Para mim, o mais inesquecível dessa experiência foi o público brasileiro. Durante partidas de vôlei sentado e rúgbi em cadeira de rodas, as arenas tremiam nas comemorações. Foi de arrepiar. Nós, brasileiros, mostramos ao mundo que, não somente somos capazes de organizar megaeventos, como também podemos ser apaixonados por esportes que nem sempre entendemos completamente.”

GUSTAVO ALTMAN, 18, SÃO PAULO (SP)
“Ter essa experiência aqui no Rio de Janeiro foi, certamente, um dos momentos mais inesquecíveis da minha vida. Fiz amigos para a vida, aprendi muito, ouvi relatos impressionantes. Nessa edição, assino um texto sobre as irmãs adotadas que competiram junto na Paralimpiada, além de um retrato da Márcia Malsar, a senhora que caiu com a tocha na cerimônia de abertura. Contar histórias é o que me move – e esses personagens são prato cheio para isso.”

HUGO L'ABBATE, 22, BELO HORIZONTE (MG)
“Foi uma experiência única cobrir in loco uma das minhas maiores referências do esporte, a mesatenista polonesa Natalia Partyka, e suas competições. Profissionalmente, tive a oportunidade de entrevistá-la e cobrir seu tetracampeonato paralímpico, o que resultou na minha primeira matéria publicada em alemão. Como fã, pude tirar uma foto com ela e ainda ganhei um autógrafo na minha raquete de tênis de mesa. Vivi experiências das quais jamais me esquecerei!”

JOÃO PEDRO SOARES, 22, RIO DE JANEIRO (RJ)
“Durante as Olimpíadas, a forma de torcer do público brasileiro foi um ponto polêmico. Pelo que pude observar durante a apuração das minhas reportagens, os torcedores que compraram ingressos para a Paralimpiada estavam conscientes da necessidade de respeitar o silêncio enquanto a bola estivesse em jogo. Além disso, tinham motivação de sobra para ajudar o Brasil a conquistar medalhas, utilizando os momentos de bola parada para transmitir às atletas e aos atletas seu incentivo.”

JORGE SALHANI, 22, BAURU (SP)
“Os Jogos foram a oportunidade perfeita para conhecer o movimento paralímpico e os melhores atletas do mundo.”

LEONARDO LEVATTI, 22, SÃO PAULO (SP)
“O fascinante da vida vem do seu imprevisível. Jamais pensei que estaria aqui, num intercâmbio cultural tão rico e na primeira grande cobertura da minha carreira. Foram

dias de trabalho e aprendizagem. Hoje, vejo as pessoas com deficiência sob outra perspectiva. Cresci como jornalista e como cidadão.”

LETÍCIA PAIVA, 20, SÃO PAULO (SP)
“Conversando com os atletas que pude conhecer, percebi que o esporte mudou a vida de cada um de uma forma diferente. Debora Benevides, da canoagem, por exemplo, diz que estar na água é maravilhoso, sente que está flutuando, que é invencível. Ela é a mais jovem atleta da modalidade. Tem apenas 20 anos, como eu. Foi muito inspirador estar em contato com pessoas como ela.”

NATÁLIA BELIZARIO, 20, SÃO PAULO (SP)
“A zona mista foi o meu lugar preferido no Rio-2016. Ver os atletas falando sobre os seus resultados logo depois da competição foi uma oportunidade única.”

THAÍS CONTARIN, 22 ANOS, UBERABA (MG)
“Foi muito gratificante poder entrevistar pessoas de todas as partes do mundo e conhecer um pouco mais sobre a vivência de cada uma delas.”

DAVID HOCK, 19, PINNEBERG (ALEMANHA)
“E, de repente, Daniel Dias parou bem na minha frente. O astro da natação brasileira acabara de ganhar sua primeira medalha de ouro nos Jogos. Depois de mais de uma hora de espera, eu, finalmente, estava autorizado a começar a minha entrevista. Ao lado do meu companheiro de trabalho e amigo Hugo, parabenizei Daniel em português e, em seguida, Hugo traduziu a minha pergunta para ele.”

HANNAH HOFER, 18, WERDER (ALEMANHA)
“Natação, ciclismo e corrida. Estes três esportes compõem o triatlo, que estreou nas Paralimpiadas. Eu pude assistir ao vivo o alemão Martin Schulz ganhar o ouro! À noite, tive a oportunidade de olhar a medalha mais de perto e aprender algo novo: elas são realmente pesadas! Emitem sons diferentes, de acordo com o metal, e contam com informações em braile. Surpreendente!”

ISABELLA WIMMER, 21, BERLIM (ALEMANHA)
“Para mim, o cerimônia de abertura foi o melhor momento. Entendi o meu papel nesses Jogos Paralímpicos. Assistir às performances de todos os artistas e acompanhar os atletas entrando no Maracanã foram momentos de que nunca vou esquecer. A atmosfera das arenas também foi outra coisa que me impressionou.”

JULIAN HILGERS, 19, JÜCHEN (ALEMANHA)
“Espontaneamente, fui assistir à partida de tênis entre o coreano Ho Won Im e o francês Frederic Cattaneo. Para mim, foi a mais emocionante dos Jogos Paralímpicos. O coreano, de apenas 18 anos, me impressionou com seu espírito e seu comprometimento. Ele é um símbolo para todos os atletas paralímpicos nesses Jogos.”

JONATHAN FRIDMAN, 18, ERLANGEN (ALEMANHA)
“Meu momento mais importante durante os Jogos Paralímpicos foi a cerimônia de abertura que aconteceu no estádio do Maracanã. Quando a atleta que carregava a tocha (Márcia Malsar, cujo perfil o leitor confere na página 8) caiu e se levantou com o apoio dos aplausos da multidão, eu me lembrei do que os Jogos Paralímpicos podem nos ensinar de melhor: não importa se você cair, o importante é se levantar novamente.”

KERI TRIGG, 21, POWYS (INGLATERRA)
“Eu não acreditava que o Rio pudesse realizar Jogos melhores do que os de Londres, mas tenho que dizer que isso aconteceu. A atmosfera em cada local era uma grande festa, e éramos recebidos com alegria e sorrisos logo ao passar pelas portas. Escolher um momento de destaque é impossível, as duas semanas foram inesquecíveis.”

LISA KUNER, 21, ERFURT (ALEMANHA)
“Estou impressionada com a atmosfera nas arenas, principalmente nas competições com participação brasileira. Durante as disputas todos torciam em voz alta e nos intervalos dançavam e cantavam. Eu gostei de assistir ao jogo de vôlei entre Alemanha e Brasil. Foi emocionante até o fim, mesmo com a derrota da Alemanha.”

LUCY MICHAELOUDIS, 21, LONDRES (INGLATERRA)
“Foi ótimo ver que os Jogos Paralímpicos trouxeram o melhor do Brasil. Para mim, os melhores momentos foram assistir à prova de ciclismo de estrada e às cerimônias de medalhas de perto. Testemunhar Lora Turnham receber sua medalha de ouro foi muito especial porque, à beira-mar, a atmosfera era mais intimista do que em um grande estádio.”

MARC BÄDORF, 21, COLÔNIA (ALEMANHA)
“Houve vários momentos marcantes nos Jogos Paralímpicos no Rio. É difícil destacar um. No geral, a atmosfera nos estádios e arenas foi o que mais me impressionou. A torcida brasileira realmente incentiva cada atleta com muito entusiasmo.”

MILAN MARCUS, 19, BERLIM (ALEMANHA)
“Foi incrível assistir, da tribuna de imprensa, ao meu atleta favorito Hans-Peter Durst ganhar sua primeira medalha de ouro em sua bicicleta adaptada. Ele até me reconheceu e acenou antes de iniciar sua prova. Além disso, eu tinha permissão para entrevistá-lo e tirar uma foto com sua medalha depois! Ele é um grande atleta e uma ótima pessoa.”

MIRIAM KAROUT, 21, BEIRUTE (LÍBANO)
“Meu melhor momento durante o nosso projeto foi conhecer a equipe palestina, composta apenas por um atleta, um treinador e um chefe de missão. Foi uma conversa longa e muito comovente que me mostrou o verdadeiro significado do Jogos Paralímpicos: inclusão e esperança para todos. Foi incrível ver o quanto o esporte pode afetar a vida de pessoas que perderam tudo.”

TILLMANN BAUER, 20, HEIDELBERG (ALEMANHA)
“Para mim, a experiência mais emocionante nos Jogos Paralímpicos foi o jogo de goalball entre Alemanha e Brasil. A torcida, apesar de excitada, ficou quieta durante toda a partida, mas depois de um gol eles comemoraram mais alto do que o habitual. Foi impressionante!”

EDITORIAL

“A Paralimpíada está tão emocionante e competitiva quanto foi a Olimpíada.” Esta frase foi ouvida com frequência nas últimas semanas no Rio, entre moradores da cidade, turistas e jornalistas que acompanharam o evento. Até pouco antes do início dos Jogos, as más notícias ainda dominavam o noticiário e preocupavam quem se preparava para estar na competição. Os problemas não vieram a se confirmar, muito pelo contrário: os espectadores encheram os estádios, contribuíram para um ambiente maravilhoso, incentivaram os atletas e mostraram-lhes o maior respeito.

Os Jogos Paralímpicos no Rio demonstraram, uma vez mais, que os grandes eventos esportivos podem ter êxito quando se trata realmente da questão crucial: atletas adoram praticar seus esportes, treinam muitas horas por dia para serem os melhores e querem competir com outros atletas para comprovar seu desempenho. O resultado disso é que essas competições geram muito entusiasmo no público.

Também foi possível sentir isso no Rio: os atletas paralímpicos deram uma contribuição importante no âmbito da inclusão. Eles evocam emoções e criam proximidade. Fica uma certeza: os Jogos Paralímpicos não eliminam as barreiras que existem no dia a dia, mas preparam a consciência para uma mudança por parte de todos nós.

JOACHIM BREUER

Diretor-geral do Seguro Social Alemão de Acidentes de Trabalho (DGUV)



DIVULGAÇÃO/DGUV

Foi uma linda caminhada. De Copenhague 2009, quando o Rio de Janeiro ganhou o direito de ser a sede dos primeiros Jogos Paralímpicos na América Latina, até setembro de 2016. Mais do que medalhas, mais do que competições incríveis, o que vou guardar com mais carinho na memória é a incrível sintonia entre público e atletas. Os Jogos Rio-2016 foram o momento em que milhões de pessoas no Brasil inteiro se encantaram com o esporte paralímpico. Jamais tivemos tanta divulgação e alcance na mídia. Numa sociedade em que as pessoas com deficiência ainda lutam por oportunidades e direitos, fica até difícil medir o impacto que os Jogos Paralímpicos tiveram e terão pelos próximos anos. Sabemos que será imenso. Tomara que maior do que imaginamos. Porque não foram apenas pessoas com deficiência tendo espaço na TV como nunca havia acontecido antes. Foram pessoas cujas deficiências se tornaram apenas um detalhe, não o tema principal das pautas e reportagens. Isso faz com que um projeto como o “Jornal Paralímpico” ganhe ainda mais relevância. Esperamos que a equipe que teve a oportunidade de acompanhar os Jogos no Rio leve adiante a experiência que vivenciaram. São os futuros formadores de opinião deste país, que tiveram uma oportunidade que a minha geração e as outras que vieram anteriormente não tiveram. Parabéns pelo projeto, parabéns pelo resultado, e sucesso daqui para a frente. Esperamos encontrar vocês em muitos eventos com nossos atletas daqui por diante. Os Jogos Paralímpicos Rio-2016 foram apenas o começo.

ANDREW PARSONS

Presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)



DIVULGAÇÃO/DANIEL ZAPPE/CPB

Não é fácil trabalhar na cobertura de grandes eventos esportivos. Há sempre muita coisa acontecendo, competições simultâneas em locais diferentes, vitórias e derrotas disputando atenção. No caso dos Jogos Paralímpicos, o desafio é ainda maior. Não apenas pelas particularidades de modalidades com as quais os jornalistas não estão familiarizados, mesmo os acostumados a cobrir os esportes convencionais. Além das dificuldades comuns, é preciso abordar a competição de um modo mais amplo, em que nem todas as conquistas estão no pódio e a vitória muitas vezes ocorre no momento da largada, e não apenas no fim da prova. Não basta entender as regras, conhecer os craques, destrinchar os resultados. É preciso ir além para contar a história de seres humanos que fazem sacrifícios pessoais em busca de pódios que nem sempre vêm. E compreender que a expectativa do atleta, com ou sem deficiência, é ainda maior que a do torcedor, para quem o esporte é um evento ocasional, distante da dedicação diária daqueles que se arriscam a representar seu país. Esta Paralimpíada simboliza uma oportunidade para que jornalistas e torcedores repensem sua forma de acompanhar todos os esportes, valorizando a eficiência sem condescendência, a emoção sem pieguice, a crítica sem crucificação. Coisas que os jovens talentos deste jornal mostram ter aprendido.

FERNANDO EWERTON

Jornalista e professor da ECO/UFRJ



DIVULGAÇÃO



Torcer por nossos atletas é BRA. Ver milhares de brasileiros lotando ginásios, quadras e arenas é ainda mais BRA.

Vibrar com as conquistas olímpicas é BRA. Sentir o coração acelerando a cada momento de superação é ainda mais BRA.

Ter sediado os Jogos Olímpicos Rio 2016 e emocionado o mundo com o que o Brasil tem de melhor já tinha sido BRA.

Mas, pensando em tudo o que aconteceu nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, dá para dizer: foi ainda mais BRA.

banco bradesco @Bradesco facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

PATROCINADOR OFICIAL



Bradesco



Um legado para além do esporte

A Paralimpíada deixa como herança mais positiva a mudança de visão sobre pessoas com deficiência. Com 72 medalhas, Brasil supera marca de Pequim-2008

É inquestionável o legado imaterial que a Paralimpíada deixa para o Brasil. O público abandonou a ideia de que atletas paralímpicos são “coitadinhos”. E eles mostraram que podem competir num nível tão alto, ou superior, quanto o dos atletas sem deficiência. Foi o caso de Abdellatif Baka (Argélia), Tamiru Demisse (Etiópia), Henry Kirwa (Quênia) e Fouad Baka (Argélia), os quatro primeiros colocados dos 1.500m T12/13 das Paralimpíadas do Rio. O quarteto de meio-fundistas correu abaixo do tempo (3m50s) do campeão olímpico da prova, o americano Matthew Centrowitz.

Antes mesmo de os competidores entrarem em cena, o público pôde ter uma ideia do que estava por vir. Na cerimônia de abertura realizada no Maracanã, a americana Amy Purdy, atleta biamputada de snow board, encantou a plateia com seu balé. Usando próteses, dançou com um robô industrial e tornou-se musa dos brasileiros. Na mesma noite, o mascote olímpico Vinicius fez graça: apareceu usando o vestido com que Gisele Bündchen desfilara na abertura da Olimpíada. Mas, nas lojas oficiais dos Jogos, o boneco de pelúcia do parceiro Tom, mascote paralímpico, fez mais sucesso: foi o produto mais vendido.

Embora o Brasil não tenha atingido a quinta colocação na classificação geral, meta estipulada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o país ultrapassou o recorde de medalhas de Pequim-2008 já no sétimo dia de competição: 48 contra 47. Ao fim dos Jogos, o Brasil somou 72 pódios. Além disso, os brasileiros conquistaram quatro medalhas inéditas. Outro ponto alto foi a despedida de veteranos, como a lenda da natação Clodoaldo “Tubarão” Silva.

Alguns nomes consagrados confirmaram as expectativas. É o caso de Daniel Dias, que, ao ganhar nove medalhas, tornou-se o nadador com maior número de pódios paralímpicos da história, 24. Além disso, Dias é o maior medalhista paralímpico brasileiro. Entre os estreantes, houve gratas revelações. O corredor Petrucio Ferreira dos Santos, de 19 anos, ganhou as primeiras três medalhas paralímpicas e bateu o recorde

mundial dos 100m rasos na categoria T47 do atletismo, marca que já durava 24 anos. E a sempre sorridente Verônica Hipólito segurava como se fossem ouro suas medalhas de prata e bronze conquistadas nos 100m e 400m da classe T38. Verônica é alguém para ficarmos de olho em Tóquio-2020. Por outro lado, uma decepção: Alan Fonteles sequer chegou às finais dos 100m e 200m rasos na categoria T44, provas das quais é recordista mundial.

Os brasileiros puderam conhecer esportes tão diferentes como a bocha, que rendeu um dos momentos mais emocionantes dos Jogos: o abraço dos irmãos Antônio e Fernando Leme logo após o ouro conquistado na categoria BC3. Antônio subiu no pódio ao lado da colega de equipe Evelyn de Oliveira. Com paralisia cerebral, ele tem o auxílio de Fernando para posicionar as calhas antes de lançar a bola.

O quadro de medalhas foi encabeçado pela China, seguida por Grã-Bretanha, Ucrânia, EUA e Austrália. O Brasil terminou na oitava colocação. O desempenho dos chineses chamou atenção, com quebra de recordes em várias modalidades por atletas desconhecidos, o que despertou desconfiança acerca dos resultados, o que despertou desconfiança acerca dos resultados. Vale destacar a participação de atletas que já tinham competido em Olimpíada. Também emocionou o público o ex-piloto de Fórmula-1 Alessandro Zanardi. O italiano se tornou um dos destaques do ciclismo de estrada paralímpico ao conquistar três medalhas. Assim como na Olimpíada, esta edição dos Jogos Paralímpicos foi a primeira da história a ter uma delegação de atletas refugiados e asilados.

A torcida, por sua vez, deu um show à parte. No primeiro sábado dos Jogos, o Parque Olímpico registrou recorde de público em um único dia desde o início da Rio-2016, em agosto. Embora a atmosfera tenha sempre sido positiva, alguns aspectos deixaram a desejar. Os voluntários eram sempre solícitos, mas, às vezes, mal informados. Mesmo assim, o público teve a oportunidade de vivenciar o maior evento do para-desporto mundial. E, pela primeira vez, na América Latina. Deixará saudades.

Destaques da festa no Rio

MEDALHAS INÉDITAS PARA O BRASIL

Quatro modalidades em que brasileiros nunca haviam ido ao pódio conquistaram suas primeiras medalhas na Rio-2016: ciclismo de estrada, halterofilismo, vôleibol sentado e canoagem, sendo a estreia desta última nos Jogos. O ciclista Lauro Chaman ganhou bronze na disputa contrarrelógio e prata na prova de estrada, ambas na categoria C5 (destinada a atletas com deficiência físico-motora ou amputados, que competem em bicicletas convencionais). No halterofilismo, Evânio da Silva levantou 210kg na categoria até 88kg, conquistando a prata. Após o feito, ele chegou a chorar no pódio. Ao bater a Ucrânia na disputa pelo terceiro lugar, a seleção feminina de vôleibol sentado faturou o bronze. Na canoagem, o Brasil ganhou sua primeira medalha na modalidade: Caio Ribeiro levou o bronze na KL3 (categoria na qual os atletas têm menor comprometimento motor, usando tronco, pernas e braços na remada). “Espero que essa primeira disputa da canoagem mostre às pessoas com mobilidade reduzida que há um novo esporte que elas podem praticar”, afirmou o medalhista. Em Londres-2012, o Brasil conquistou pódios em sete modalidades. No Rio, foram 13. (Letícia Paiva)

RECORDES BRASILEIROS

Além de conquistar 72 medalhas durante os Jogos, os brasileiros quebraram quatro recordes mundiais e nove recordes paralímpicos. A maioria das marcas foi batida nas provas de atletismo. Um dos destaques foi o velocista Petrucio Ferreira dos Santos, que quebrou o recorde mundial nos 100m rasos, na categoria T47. O tempo de 10s72 estabelecido em Barcelona-92 pelo nigeriano Ajibola Adeoye foi imbatível por 24 anos, mas o atleta brasileiro superou-o nas classificações da prova com a marca de 10s67 e, no dia seguinte, estabeleceu novo recorde ao conquistar o ouro com o tempo de 10s47. (Thaís Contarín)

O SHOW DA TORCIDA NAS ARENAS

Se a baixa procura por ingressos antes dos Jogos preocupava, não restaram mais dúvidas de que os brasileiros se apaixonaram pelos esportes paralímpicos. No primeiro fim de semana de competições, o Parque Olímpico recebeu cerca de 330 mil pessoas, sendo 170 mil no sábado – número superior ao recorde de 160 mil visitantes em um único dia registrado durante a Olimpíada. Como de habitual, a festa da torcida nas arenas esportivas foi um ponto alto, e diversos atletas tiveram a oportunidade de receber o calor de públicos tão grandes pela primeira vez. As polêmicas vaias dos torcedores brasileiros que marcaram a Olimpíada deram lugar ao respeito por todos os atletas – até argentinóis foram poupados. Respeitar o silêncio enquanto a bola rolava nas partidas de futebol de 5 e goalball foi um desafio. (João Pedro Soares)

VOLUNTÁRIOS FIZERAM A DIFERENÇA

Ampliar as capacidades e habilidades (pessoais e profissionais), fazer amizade com pessoas de diversos países, e ser parte da história do Brasil e de um dos eventos mais importantes do mundo – é isso que motivou os voluntários que se candidataram para atuar nos Jogos Paralímpicos Rio-2016. Como parte do processo, os 15 mil voluntários (do quais cinco mil com deficiências) participaram de um treinamento online, no qual fizeram

curso de inglês, além de aulas de primeiros socorros e ambientação do departamento em que iriam atuar. A mineira Yasmin Santos de Jesus, de 20 anos, veio ao Rio só para atuar nos Jogos. “Como futura jornalista, eu não poderia ignorar um evento tão grande como esse acontecendo bem no nosso quintal!”, contou. Mas fazer parte dos Jogos não foi tarefa fácil – uma das maiores críticas do público foi a falta de informação por parte dos voluntários. “Cada um me deu uma instrução diferente de onde eu deveria ir”, contou a cadeirante Maria Aparecida Senner, de 49 anos. (Fernanda Lagoreiro)

ATLETAS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS

Entre os mais de quatro mil atletas que participaram dos Jogos Paralímpicos Rio-2016, seis se destacaram por também terem participado dos Jogos Olímpicos em algum momento de suas carreiras. Três deles disputaram ambos no Rio: a arqueira Zahra Nemati, do Irã, e as mesatenistas Natalia Partyka, da Polônia, e Melissa Tapper, da Austrália. “Acho que foi algo natural (disputar as duas competições), pois sempre disputei os dois circuitos mundiais da Federação Internacional de Tênis de Mesa. Me classifiquei pela primeira vez em 2008 para uma Olimpíada e, desde então, sempre participo dos dois torneios”, explicou Natalia, que ganhou o ouro na competição individual nos Jogos Paralímpicos. (Guilherme Longo)

ILHAS FAROE DISPUTAM APENAS A PARALIMPIADA Diante das tribunas do Centro Aquático, tremulava uma bandeira das Ilhas Faroer, pequeno país nórdico próximo à Islândia. Isso significa que – diferentemente da Olimpíada – o país de apenas 50 mil habitantes esteve oficialmente representado na Paralimpíada Rio-2016. Na Olimpíada, o feroez Pál Joensen competiu pela Dinamarca. Já na Paralimpíada, Krista Mørkøre teve a possibilidade de representar sua terra natal. A nadadora, de 21 anos, competiu nos 50m, 100m e 400m livre, mas não avançou às finais. Ao lado de Krista, seu pai e treinador Torkil Mørkøre e o chefe da missão feruesa, Tróndur Ravnsfjall, completaram a delegação do país. “As Ilhas Faroer estavam presentes quando o Comitê Paralímpico Internacional foi fundado e, desde então, somos membros. Já o Comitê Olímpico Internacional não nos reconhece como um Estado soberano, por isso não podemos competir”, diz Tróndur. (Hugo L’Abbate)

REFUGIADOS TIVERAM DELEGAÇÃO

Esta edição dos Jogos Paralímpicos foi a primeira da história a ter uma delegação de atletas refugiados e asilados. Dois deles competiram sob a bandeira paralímpica, representando os Atletas Paralímpicos Independentes: Ibrahim Al-Hussein, na natação, e Shahrad Nasajpour, no atletismo. O iranianô Nasajpour vive hoje nos Estados Unidos. O atleta competiu no lançamento de disco, classe F37 (paralisia cerebral), e terminou na 11ª colocação. Al-Hussein, nascido na Síria, perdeu parte da perna direita após a explosão de uma bomba em seu país natal e hoje vive como refugiado na Grécia. Nadou as provas dos 50m e 100m livre, classe S9. Apesar de finalizar suas provas sem subir ao pódio, o iranianô ficou satisfeito com sua participação: “Estou feliz por estar aqui. Foi uma experiência ótima, que só me trouxe benefícios. Fiz diversos amigos”, avaliou o atleta. (Jorge Sahiani)



DIVULGAÇÃO/DANIEL ZAPPE/CPB

Na festa de encerramento, no Maracanã, a mensagem de amor em várias línguas



Os irmãos Antônio (de frente) e Fernando Leme comemoram o ouro inédito na bocha



MAIORE NADADOR PARALÍMPICO DA HISTÓRIA, DANIEL DIAS CONQUISTOU NOVE MEDALHAS NO RIO E JÁ SOMA 24 NO TOTAL

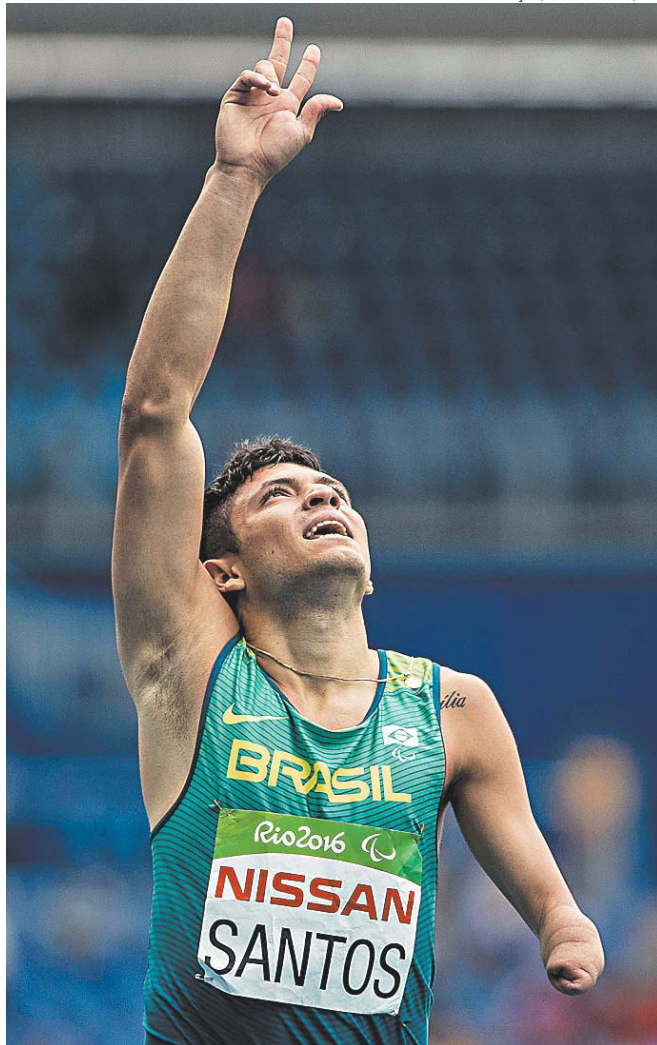


O mascote paralímpico Tom estava em todos os pódios, e Vinicius fez graça ao usar vestido igual ao de Gisele



NO LUGAR MAIS ALTO DO PÓDIO, O EX-PILOTO DE FÓRMULA-1 ALESSANDRO ZANARDI COMEMORA A CONQUISTA, AO LADO DO AUSTRALIANO STUART TRIPP (PRATA) E DO AMERICANO OSCAR SANCHEZ (BRONZE)

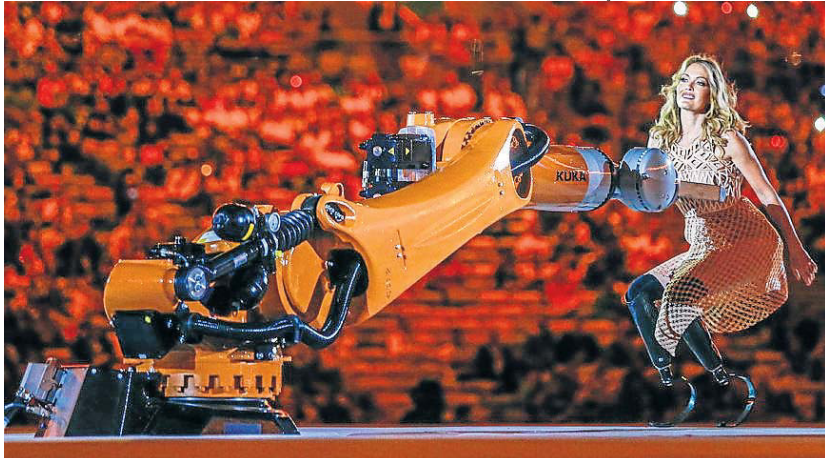
DIVULGAÇÃO/DANIEL ZAPPE/CPB



Petrucio Ferreira dos Santos: recorde mundial nos 100m rasos T47



DIVULGAÇÃO/MARCO ANTONIO TEIXEIRA/CPB



O nadador sírio Ibrahim Al-Hussein depois de competir nos 50m livres S9. Ele é um dos dois atletas refugiados a competir pela primeira vez numa Paralimpíada

Biamputada, Amy Purdy emocionou ao dançar com um robô na abertura



Clodoaldo: prata no revezamento 4x50m na Rio-2016

Prata para fazer a despedida brilhar

Com uma medalha conquistada em casa, Clodoaldo Silva diz adeus aos Jogos com 14 pódios. Desempenho apaga decepção de Londres-2012

Inspiração para uma geração inteira de atletas, entre eles o supercampeão Daniel Dias, o nadador potiguar Clodoaldo Silva se despediu da delegação brasileira com 14 medalhas conquistadas em Paralimpíadas: seis de ouro, seis de prata e duas de bronze. A sua favorita é a de ouro que ganhou junto com Luiz Silva, Francisco Avelino e Adriano Lima em Atenas-2004, no revezamento 4x50m. Clodoaldo também é dono de 19 pódios em Jogos Parapan-Americanos, sendo 13 dourados. Em Campeonatos Mundiais são outras nove medalhas, todas elas de ouro.

Na Rio-2016, Clodoaldo experimentou de novo, pela última vez, a sensação de que mais gosta: dividir o pódio com os amigos. Com Daniel Dias, Joana Maria e Susana Ribeiro, ganhou prata no revezamento misto 4x50m.

Foi um desfecho premiado para uma carreira que muitos pensavam já estar terminada. Em Londres-2012, Clodoaldo voltou para casa sem medalha. Com uma lesão recente, não chegou ao pódio e pensou em se aposentar. Mas afirmou que o lugar para pendurar a sunga seria o Rio de Janeiro. Decisão que hoje se mostra acertada.

O multimetalhista quer deixar na história um legado muito maior do que os seus bons resultados na piscina. Clodoaldo espera ser um exemplo para o Brasil, colaborando com uma mudança positiva na visão da sociedade sobre a deficiência.

Natália Belizario

Em Tóquio, dois novos esportes

Badminton e taekwondo estreiam na Paralimpíada, que acontece pela segunda vez no Japão em 2020

Com o fim dos Jogos no Rio, as atenções se voltam para Tóquio-2020. A cidade japonesa será a primeira na história a receber pela segunda vez uma Paralimpíada. A primeira foi em 1964.

A próxima edição dos Jogos terá algumas novidades, com dois esportes estreando: o badminton e o taekwondo. Ao todo, serão 22 disputados. Os outros são atletismo, tiro com arco, bocha, canoagem, ciclismo, hipismo, futebol de 5, goalball, judô, halterofilismo, remo, tiro esportivo, vôlei sentado, natação, tênis de mesa, triatlo, basquete, esgrima, rugby e tênis em cadeira de rodas.

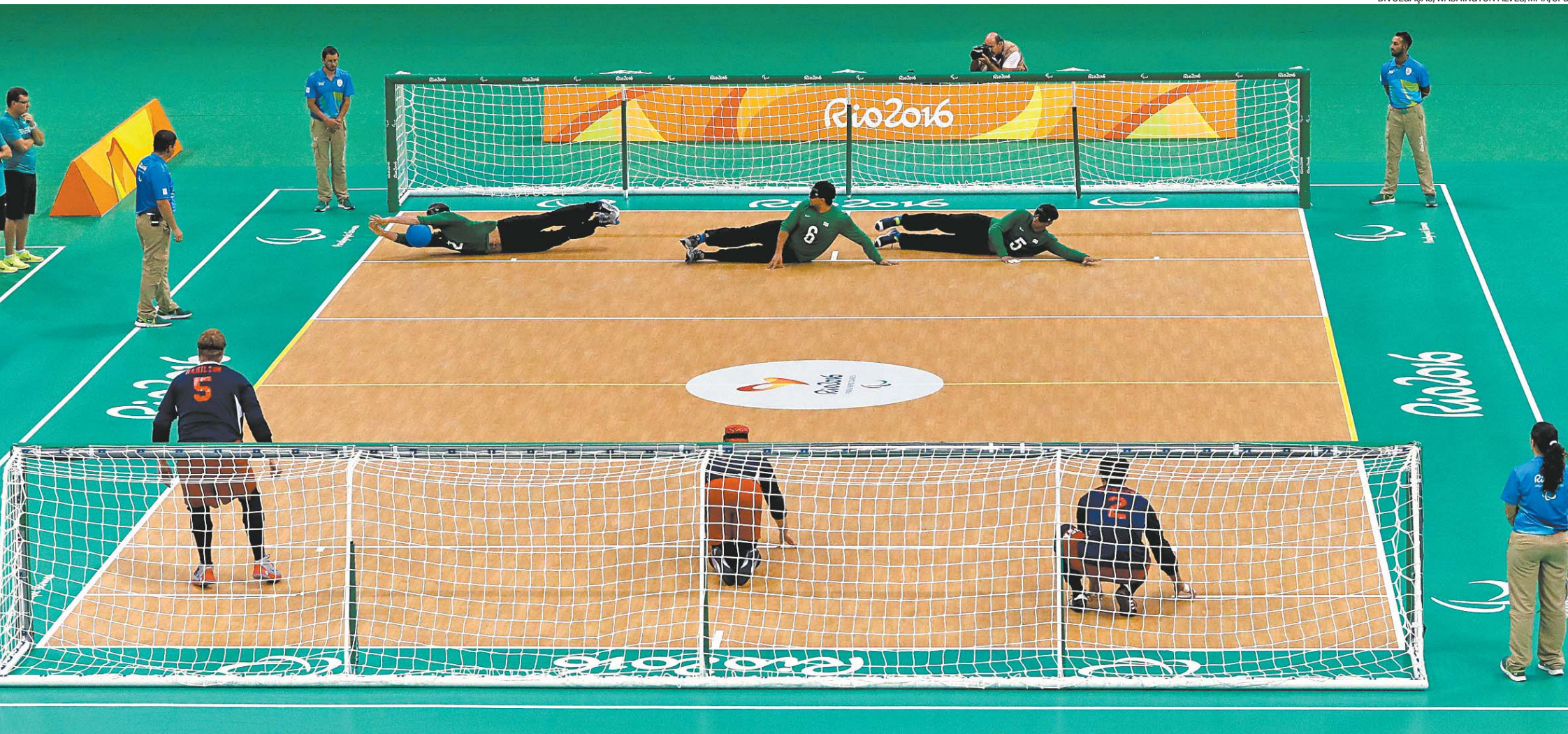
Várias instalações serão as mesmas que foram construídas para os Jogos de 1964. Três novas arenas permanentes estão sendo erguidas, e há planos de melhorar o transporte e o acesso por toda a cidade.

Na Rio-2016, o Japão ficou em 6ª lugar na Olimpíada, com 12 ouros, oito pratas e 21 bronzes. Mas ainda tem um longo caminho a percorrer em Paralimpíadas. O país terminou em 64º lugar na competição, com um total de 24 medalhas. Não houve ouro, apenas 10 pratas e 14 bronzes.

Gustavo Altman

QUADRO DE MEDALHAS

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1º China	107	81	51	239
2º Grã-Bretanha	64	39	44	147
3º Ucrânia	41	37	39	117
4º Estados Unidos	40	44	31	115
5º Austrália	22	30	29	81
6º Alemanha	18	25	14	57
7º Holanda	17	19	26	62
8º Brasil	14	29	29	72
9º Itália	10	14	15	39
10º Polônia	9	18	12	39
11º Espanha	9	14	8	31
12º França	9	5	14	28
13º Nova Zelândia	9	5	7	21
14º Canadá	8	10	11	29
15º Irã	8	9	7	24
16º Uzbequistão	8	6	17	31
17º Nigéria	8	2	2	12
18º Cuba	8	1	6	15
19º Bielorrússia	8	0	2	10
20º Coreia do Sul	7	11	17	35
21º Tunísia	7	6	6	19
22º África do Sul	7	6	4	17
23º Tailândia	6	6	6	18
24º Grécia	5	4	4	13
25º Bélgica	5	3	3	11
26º Eslováquia	5	3	3	11
27º Argélia	4	5	7	16
28º Irlanda	4	4	3	11
29º México	4	2	9	15
30º Egito	3	5	4	12



Na partida semifinal, os Estados Unidos desclassificaram o Brasil, que acabaria levando o bronze na disputa contra a Suécia. O esporte, cuja quadra tem um gol de nove metros, foi criado para ajudar na reabilitação de veteranos de guerra

O silêncio revelador do goalball, disputado só em Paralimpíadas

Com mais juízes do que atletas em quadra, esporte caiu no gosto dos brasileiros e ensinou uma forma diferente de torcer: gritos e cantos somente na hora do gol

Leonardo Levatti

Um silêncio intimidador na Arena do Futuro. É possível ouvir a respiração de cada torcedor. Apreensão, concentração, emoção. Uma vez ou outra, explosão. É gol! Eis o grito libertador que rompe com a quietude e instaura a festa. O espetáculo não para. E o contraste encanta: a Arena está lotada. São fragmentos de um ambiente singular: uma partida de goalball.

— É estranho ficar quieta num ambiente como este. É diferente. Mas quando saía gol o grito era tão forte que compensava — lembra a torcedora Karina de Souza, estudante de 16 anos. Foi o primeiro contato dela com o goalball, esporte disputado apenas em Paralimpíadas e que, mais do que jogado, precisa ser sentido.

Praticado por deficientes visuais, os elementos táteis e sensoriais são vitais. E o silêncio, também. A bola, por exemplo, pesa 1,25kg e contém dois peque-

nos guizos para orientar os atletas em quadra pela audição. Como o nome da modalidade sugere, o gol tem mais importância: são nove metros de extensão, suficientes para abranger toda a linha de fundo da quadra de 18 metros de comprimento.

Dentro das quatro linhas, cada equipe é formada por três jogadores — um central e dois alas. Enquanto o central se concentra na defesa dos ataques adversários, os pontas costumam realizar os lançamentos, sempre com as mãos. É coletivo. Todos ajudam na hora de defender, e uma regra determina um rodízio para as jogadas ofensivas. Dinamicamente, o tempo escorre pelas mãos dos atletas: após dois tempos de 12 minutos, vence o time que fizer mais gols.

Embora não haja contato direto com o adversário, apitar o goalball não é tarefa simples. A equipe de arbitragem tem 11 pessoas em cada partida. As fun-

ções são diversas: quatro fiscais de linha, um em cada quina da quadra, cuidam da reposição de bola. Outros cinco mesários se dividem para cronometragem, substituições, tempos técnicos, súmula e outras atribuições. E finalmente os dois árbitros principais que, com microfones, indicam o que está acontecendo no jogo para toda a Arena.

— É um processo pedagógico em que o árbitro principal é figura central. Ao dizer qual infração foi cometida, ao pedir silêncio quando necessário, ele dá uma diretriz para os envolvidos naquela atmosfera. É o gerenciador máximo do jogo — explica Daniel Voltan, de 31 anos, o único árbitro brasileiro na modalidade. Talvez o mais encantador do goalball esteja fora das regras e das normas. Paulo Sérgio de Miranda, coordenador nacional de goalball da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), considera o esporte carismático e misterioso, capaz de reunir o que o brasileiro mais gosta:

— Tem bola, tem rede e tem gol. É dinâmico, os jogos são intensos. E é encantador porque exige o desenvolvimento das habilidades sensoriais como poucas modalidades. Tem seus truques, seus segredos.

Da arquibancada, muitos desses segredos não são descobertos. E, por vezes, eles estão mais evidentes do que se pode imaginar. É o caso das linhas espalhadas pela quadra. Aparentemente, uma referência visual para a arbitragem e quem assiste ao jogo. Já para quem joga, uma função diferente.

— O alto relevo delas nos ajuda bastante. Na hora de defender, é o que garante o posicionamento adequado. Nossas mãos sempre procuram as marcas — esclarece Simone Rocha, a central da seleção brasileira feminina.

Um outro aspecto importante é a comunicação durante a partida.

— A gente se conhece pela voz, nos chamamos dentro de quadra a toda hora para nos localizarmos. Enxergamos o jogo de uma outra maneira — diz.

Outro exemplo são as traves, que servem de referência espacial para quem realiza os ataques. Dão a

exata noção do quanto se pode correr até o limite da área para girar o tronco e efetuar o lançamento.

— Toco na trave e parto. Tento aplicar o máximo de força e técnica no ataque. É como ter a quadra na cabeça e na minha mão — diz Leomon Moreno, de 23 anos, artilheiro da seleção masculina, com 27 gols.

Objeto de disputa narrativa, o tão comentado legado do período olímpico-paralímpico parece ser uma realidade no goalball. É unânime entre os atletas e organizadores o gosto que o torcedor brasileiro tomou por esse esporte. Segundo números divulgados pelo Comitê Rio-2016, a Arena do Futuro teve uma média de quase 80% de ingressos vendidos até as semifinais da competição.

“NOS CHAMAMOS DENTRO DE QUADRA PARA NOS LOCALIZARMOS. ENXERGAMOS DE OUTRA MANEIRA”

Simone Rocha, central da seleção brasileira feminina

— É o que vai ficar. As pessoas estão lendo sobre as regras, buscando informações. Muitos conheceram o jogo somente agora. Tudo contribui para um futuro promissor da modalidade — comemora Paulo Sérgio.

Norteada pelo conceito de arquitetura nômade, a estrutura esportiva dará lugar a quatro escolas municipais em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, após a Paralimpíada. O palco do goalball deve ser, em breve, palco da liberdade e da autonomia indissociáveis da educação e do conhecimento. No desafio diário por uma sociedade com mais inclusão e harmonia, os atletas que passaram pela quadra da Arena do Futuro cumpriram sua missão.

Ao fim do torneio, no masculino, o ouro ficou com a Lituânia; a prata, com os EUA; e o bronze, com o Brasil. No feminino, Turquia, China e EUA conquistaram o pódio.

Sete anos de investimento garantem bons resultados no Rio

Incentivos e Centro Paralímpico permitiram dedicação integral dos atletas aos treinamentos

“Trabalho de formiguinha” foi a expressão utilizada por Gustavo Araújo, ouro no revezamento 4x100m da categoria T13 (deficientes visuais), para definir como o Brasil conseguiu bater seu recorde de medalhas em Paralimpíadas. Com 72 pódios, o país chegou à sua melhor participação na história dos Jogos, e isso só foi surpresa para aqueles que não acompanharam a recente evolução da delegação brasileira.

Desde 2009, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) colocou em prática um plano que trouxe os resultados observados no Rio. O investimento possibilitou uma maior profissionalização do esporte, bem como a construção de uma nova casa para os atletas, o Centro Paralímpico, em São Paulo.

— Antes, a gente sempre ficava invejando alguns países pelos seus inúmeros centros. Hoje, podemos dizer que temos uma casa — afirmou Gustavo, que fez a aclimação para os jogos no centro.

Com os programas de incentivo ao esporte paralímpico e olímpico (veja mais ao lado), agora muitos atletas podem de fato viver do esporte. Com necessidades diferentes de um competidor do movimento olímpico, atletas paralímpicos tendem a ter gastos mais elevados com saúde, alimentação e equipamentos.

Verônica Hipólito diz que o CPB trabalhou desde Londres-2012 e



Verônica Hipólito: prata e bronze nos 100m e nos 400m da categoria T38

agora “o trabalho está aqui”. Medalhista de prata e bronze nos 100m e 400m da categoria T38, respectivamente, Hipólito acredita que a atuação “em rede” feita pelo comitê foi a principal responsável pelo bom desempenho da delegação. O contato entre os responsáveis pelas diversas etapas de preparo do atleta, desde o técnico até o psicólogo, faz com que o Brasil seja um exemplo.

— Não encontramos isso em outro país. Não é à toa que hoje vários atletas querem vir para o Brasil

para treinar — concluiu Verônica.

Diogo Cardoso, por sua vez, deu uma explicação simples sobre a eficiência do Brasil na Paralimpíada: — A gente treina demais, pô!

Diogo é guia de Alice de Oliveira Correa, que compete na categoria T12 e foi medalhista de prata no revezamento 4x100m. A atleta concordou com o guia: — É uma dedicação total.

Para todos, a mudança de visão sobre a deficiência foi a maior conquista do evento em solo carioca.

— Eu acredito muito nesse poder. As pessoas não vão mais tratar a gente como coitadinhos — declarou o dono da única medalha paralímpica do Brasil no halterofilismo, Evânio Rodrigues.

Ainda que a Rio-2016 tenha colocado em evidência o que há de melhor no paradesporto, a realidade da pessoa com deficiência nem sempre é espelho do que acontece nas competições. Maria Cecília, psicóloga de 26 anos que veio de Minas Gerais assistir à partida de basquete feminino entre Brasil e Argentina, contrasta o cenário dos Jogos com o que vê no cotidiano brasileiro, onde 6,2% da população têm algum tipo de deficiência.

— Aqui você encontra deficientes visuais na fila, namorando, passeando com a família. Inclusão que às vezes não vemos no dia a dia — disse Maria, cadeirante.

Rafael Maranhão, gerente de comunicação do CPB, vê uma melhora a caminho.

— Em novembro, o Centro Paralímpico sediará as Paralimpíadas Escolares. Será a primeira competição internacional após a Rio-2016, e a gente espera estar apontando o caminho para esses futuros atletas — disse Maranhão.

Alan Fonteles, prata no revezamento 4x100m na Rio-2016 e recordistas dos 100m e 200m na categoria T43, foi descoberto no evento, que é o maior do paradesporto escolar do mundo.

Natália Belizario

Mais de 90% da delegação paralímpica têm auxílio federal

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência garante verbas vindas das loterias

No processo de profissionalização que veio a reboque dos Jogos Rio-2016, um dos maiores incentivadores foi o Governo Federal, que na última década aumentou os investimentos nos atletas e nos locais de treinamento. O programa mais antigo é o Bolsa Atleta, criado em 2005. Até o momento, foram investidos mais de R\$ 600 milhões em bolsas que variam de R\$ 370 a R\$ 3.100 mensais. Desse total, cerca de um terço foi distribuído aos atletas paralímpicos, com um total de 11.700 bolsas anuais, tornando-se o maior programa de patrocínio esportivo individual e direto do mundo.

Para dar um foco maior aos esportistas de melhor rendimento, o governo criou em 2011 o Bolsa Pódio. Nele, atletas que estão entre os 20 melhores do mundo nos rankings oficiais de suas modalidades passaram a ganhar um valor entre R\$ 5 mil e R\$ 15 mil.

Completando a lista de incentivos públicos no esporte, o governo lançou em 2012 o Plano Brasil Medalhas, que junto com a captação de dinheiro privado, aumentou em R\$ 1 bilhão o investimento no atual ciclo olímpico e para-

límpico. A verba de construção do Centro de Treinamento veio desse montante.

Na Rio-2016, mais de 90% da delegação paralímpica brasileira recebem algum tipo de apoio do governo. Para alguns atletas, esse auxílio foi fundamental e trouxe melhora na performance.

— A bolsa para mim é tudo, porque antes eu tinha que trabalhar. E, agora, a nossa evolução é visível. No meu esporte, agora temos medalha — diz Evânio da Silva, primeiro medalhista brasileiro no halterofilismo.

Com esse investimento focado nos Jogos Rio-2016, uma das maiores preocupações dos atletas é que após o evento o valor repassado diminua.

Mas para Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o futuro é tranquilo. A entidade conseguiu encontrar outras formas de captação do dinheiro público, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que aumentou o repasse de verba das loterias.

— Com a aprovação desta lei, temos a previsão de cerca de R\$ 130 milhões já para este ano, apenas da Lei Agnelo Piva.

Guilherme Longo

Irmãs entre a parceria e a rivalidade

Adotadas por uma americana, a russa Tatyana e a albanesa Hannah levam o nome da família McFadden para a elite do atletismo paralímpico. Na Rio-2016, disputaram sua primeira prova juntas, nos 100m, categoria T54. A mais velha chegou em segundo lugar, enquanto a caçula ficou em quarto

Gustavo Altman

A atleta americana Tatyana McFadden é autora de um livro autobiográfico chamado “Ya sama” (“Posso tudo por conta própria”, em tradução livre do russo). O primeiro parágrafo não poderia ser mais assertivo: “A vida não é sobre aquilo que não se tem, mas sobre o que se faz com o que se tem”. Tatyana e a irmã, Hannah, possuem a noção exata do que têm – e, não seria exagero dizer, são referências quando o assunto é desafiar preconceitos.

Tatyana nasceu há 27 anos com espinha bífida, uma má-formação da medula espinhal que a deixou sem o movimento da cintura para baixo. Hannah, de 21, teve amputada a perna esquerda por ter nascido sem o fêmur. Tatyana é russa. Hannah, albanesa. Foram adotadas pela mãe, Deborah McFadden, funcionária do governo de George Bush, durante viagens de agenda institucional. Débora é casada com Bridget O’Shaughnessey. As irmãs, portanto, convivem com duas mães. Há mais: Debbie, como é apelidada, tem a Síndrome de Guillain-Barré, doença autoimune que leva à inflamação dos nervos e fraqueza muscular. A composição familiar, feita de privações e sucessivas conquistas, é exemplar do ponto de vista da superação dos limites.

— Quando vi Tatyana pela primeira vez, havia uma chama em seus olhos — recorda-se Debbie. — Sempre foi meu sonho adotar alguma menina com deficiência, e houve uma conexão imediata. Queria levá-la aos Estados Unidos, mas os médicos disseram que ela não viveria muito tempo. O resto, vocês já sabem. Ela praticou esportes e se tornou mais saudável.

“EM PEQUIM, HANNAH FICOU EM OITAVO. FOI UMA GRANDE MELHORA”

Tatyana McFadden, sobre o quarto lugar da irmã

Tatyana passou os primeiros seis anos de sua vida num orfanato com péssimas condições em São Petersburgo, na Rússia. Em seu livro, ela conta não ter lembrança de comer carne. Não havia TV, computadores, tampouco qualquer assistência médica especializada. Nenhum cuidador era apto a lidar com a deficiência de Tatyana, que aprendeu, sozinha, a andar com as mãos – plantando bananeira, de cabeça para baixo. Os primeiros anos de vida de Hannah, na Albânia, não foram muito diferentes. A atleta, que hoje utiliza próteses para caminhar, foi deixada por sua mãe biológica num orfanato e lá ficou até os 3 anos.



Competindo pelos EUA, Tatyana McFadden tem um impressionante histórico de 31 medalhas conquistadas, sendo 16 em Paralimpíadas

A Paralimpíada do Rio serviu para reafirmar a excelência das duas entre os grandes nomes do atletismo em cadeira de rodas. Tatyana, em especial, tem um impressionante histórico de 31 medalhas conquistadas, sendo 16 em Paralimpíadas e 15 em Mundiais – no Rio foram quatro douradas e duas prateadas. Há uma explicação para resultados tão bons. A mais velha das McFadden vence provas de curta e longa distância, desafiando os limites do corpo humano. Em 2013, ela se tornou a primeira atleta, com deficiência ou não, a vencer o Grand Slam das maratonas, que inclui as provas de Chicago, Boston, Nova York e Londres. Ela ainda se aventurou na Paralimpíada de Inverno, em 2012, e conquistou uma medalha de prata no esqui. Hannah, por sua vez, soma duas medalhas de bronze em Mundiais, mas tem pela frente uma longa avenida para seguir os passos da irmã.

No último dia 9, no Engenheiro, elas disputaram sua primeira prova juntas, nos 100m T54. Separadas por três raia, as duas esqueceram-se por alguns segundos da cumplicidade cultivada na convivência do dia a dia, das frequentes idas ao cinema, restau-



Hannah fez o melhor tempo de sua carreira com o quarto lugar nos 100m, categoria T54

rantes e shoppings, para se tornarem rivais. Não fossem 12 décimos de segundo, as irmãs subiriam juntas ao pódio em uma prova individual – algo que seria inédito na história das Paralimpíadas. Tatyana ficou em segundo lugar; Hannah, em quarto, com o melhor tempo de sua carreira.

Posicionados na arquibancada no Estádio Olímpico, cerca de dez parentes das atletas chamavam a atenção pelo colorido e pela animação. Dada a largada, o grito deixou de ser “Tatyana” ou “Hannah” para se tornar um uníssono “Team McFadden”, como está estampado em suas camisetas. A mãe, Deborah, admite a dificuldade em escolher um lado durante a prova das duas, mas, entre elas, que não dividiram quarto na Vila dos Atletas, a rivalidade é tratada com elegância. Diz Hannah sobre a irmã:

“É DIFÍCIL COMPETIR COM A TATYANA PORQUE ELA É BOA. APRENDO MUITO”

Hannah, sobre a irmã mais velha

— A diferença entre nós é que ela é muito forte, mas eu tenho uma largada que ela não tem. É difícil competir com a Tatyana porque ela é muito boa. Mas pode também ser divertido. Aprendo muito.

Prova finalizada, ambas se dirigiram ao local onde enfrentariam o pelotão de repórteres. Hannah, visivelmente frustrada, passou chorando. Dali a alguns segundos, veio Tatyana. Assediada por dezenas de microfones, gravadores e celulares, foi informada de que a irmã não conseguira lugar no pódio. Reagiu com genuíno espanto.

— Ela ficou em quarto? Não sabia — disse, com decepção — Mas estou feliz por ela. Em Pequim, Hannah ficou em oitavo. Foi uma grande melhora, estou orgulhosa.

Num outro momento da competição, ao serem desclassificadas da prova que daria a medalha conjunta das duas, o revezamento 4x400m, Hannah e Tatyana tiveram uma discussão logo ao deixarem a pista a caminho da área interna do Engenheiro. Quando a maioria dos jornalistas já havia ido embora, a irmã mais nova se queixou com a mais velha por ela não ter dado a devida atenção à desclassificação das duas, já que estava ocupada apenas em dar entrevistas depois de seu pódio individual. Chamada de “egoísta” pela caçula, Tatyana abaixou a cabeça e pediu desculpa. Ali, no bastidor de uma competição global, eram apenas irmãs duelando como se estivessem em casa. Para Tatyana e Hannah McFadden, é vida que segue, agora a caminho de Tóquio. Em outras palavras, “Ya sama”, porque elas podem tudo por conta própria.

Campeã polonesa financia atletas

Mesatenista cria projeto na Polônia para dar bolsa a novos talentos. Com menos de um ano de existência, fundação já conta com um medalhista de prata

Engana-se quem imagina que a tetracampeã paralímpica de tênis de mesa, Natalia Partyka, de 27 anos, pensa apenas na própria carreira no esporte. Além da conquista de sua medalha de ouro na Paralimpíada do Rio, a polonesa também celebrou neste mês de setembro o primeiro aniversário de seu projeto social Fundusz Natalii Partiki (Fundo da Natalia Partyka).

O projeto consiste na distribuição de bolsas – que variam de 300 euros (R\$ 1.110) a 500 euros (R\$ 1.800) – a jovens atletas poloneses de baixa renda. O fundo atende atualmente a 12 competidores de esportes de verão e inverno, paralímpicos e olímpicos.

— Pensei em criar essa iniciativa há quatro anos. Mas eu precisava de três anos, aproximadamente, para achar patrocinadores e os profissionais ideais para me ajudar a levar o projeto adiante. Agora, já estamos planejando realizar uma segunda edição, dessa vez contemplando mais atletas — relata Partyka.

Para chegar ao número final de esportistas ajudados pelo programa, no entanto, foi necessário outro processo longo de seleção. Segundo Natalia, mais de cem candidatos passaram na primeira peneira da seleção. Em seguida, este número foi reduzido para 60 e, posteriormente, para dez. Mais tarde, o fundo acabou sendo estendido para 12 atletas.

— Eles tiveram de escrever redações sobre suas carreiras, seus esportes, suas conquistas e comprovar as condições financeiras de suas famílias. Era um processo de seleção para atletas sem recursos, porém talentosos. Depois, tiveram de nos enviar um vídeo de um minuto no qual falavam de si mesmos. Foi um trabalho cansativo, mas eu gostei — diz a mesatenista sobre o processo de seleção.

Dos 12 bolsistas atuais, quatro são atletas paralímpicos e dois competiram na Rio-2016. O principal destaque foi Bartosz Tyszkowski, de 22 anos, que levou a prata no arremesso de peso, classe 41, com 13m56cm. Em apenas um ano de existência, o Fundusz Natalii Partiki já apresenta resultados.

Hugo L'Abbate



Tetracampeã paralímpica e com participação em três Olimpíadas, Partyka patrocina atletas na Polônia

Movidos pela vontade de vencer

Três atletas que competiram nos Jogos do Rio contam suas trajetórias e falam da rotina de treinos. Michel Pessanha, Zeca Monteiro e Wilians de Araújo encontraram no esporte uma profissão e uma inspiração para a vida

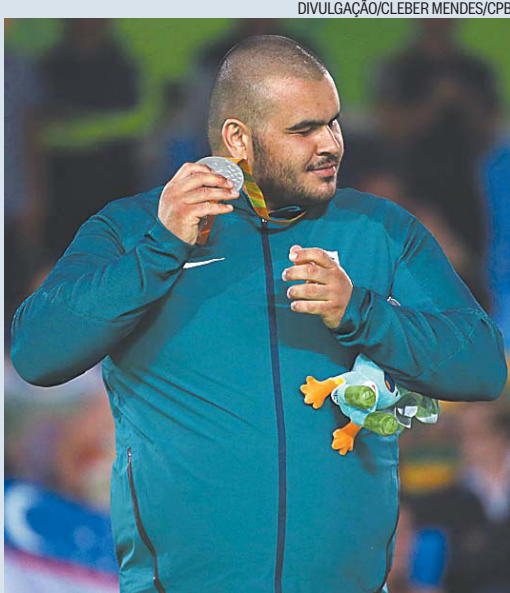
Um deles era mecânico de caminhões; o outro, entregador de quentinhas; e o terceiro, estudante de um colégio para cegos. Os três competiram na Rio-2016, cada um em sua modalidade – remo, futebol de 7 e judô. Vivendo na Região Metropolitana do Rio, desde que foram iniciados no esporte enfrentam os obstáculos de uma cidade pouco acessível, além do peso de morarem em áreas geralmente menos atendidas pelo poder público.

Há três anos, Michel Pessanha, de 37, praticava halterofilismo. Estava acima do peso e decidiu mudar de vida ao ver pela TV a história de Thayane Tavares, que perdeu o movimento das pernas no Massacre de Realengo, quando um atirador deixou 12 vítimas fatais em uma escola do bairro, em 2011. A jovem reabilitava-se remando no Clube de Regatas Flamengo.

— Sem conhecer o esporte, bati na porta do clube e pedi para treinar. Em seis meses, fiz testes para a seleção brasileira — conta o atleta, que ficou em sétimo lugar nos Jogos na categoria Double Skiff TA misto, em dupla com Josiane Dias.

Morador de Caxias, Michel tem uma deficiência na perna direita, por conta de sequelas da poliomielite. Ele começa seu dia às 3h40m, para estar às 5h na Lagoa, onde treina. Quando começou essa rotina, usava transporte público e trabalhava como mecânico. Hoje se mantém por meio dos programas de incentivo do governo e de retornos de seu clube. Sua dedicação inteira é para o remo.

No time brasileiro de Futebol de 7, Zeca – ou José Carlos Monteiro, de 38 anos – é o camisa 4. Veterano, esta é sua quarta Paralimpíada – e ele as-



Wilians de Araújo ficou com a medalha de prata na Rio -2016

segura que também é a última. Dono de uma prata conquistada em Atenas-2004, ele agora é dono também de uma medalha de bronze. Desde 2003 na modalidade, Zeca acompanhou a evolução do esporte de perto.

— Agora é melhor. Onde moro, não se pensava que pessoas com deficiência podiam jogar bola — conta o morador da Mangueira, que teve paralisia cerebral devido a uma queda da mãe na gestação.

Morador de Olaria, o judoca medalhista de prata Wilians de Araújo, de 26 anos, perdeu a visão após um disparo acidental da espingarda do pai. Tinha 10 anos. Após passar um tempo fora da escola, entrou para o Instituto Benjamin Constant, tradicional instituição de ensino voltada para deficientes visuais. Dali, seguiu para o Colégio Pedro II. Foi lá que conheceu o judô.

Após os Jogos, ele pretende se dedicar aos estudos, quem sabe cursando Psicologia. Seu objetivo é estar próximo dos jovens, mostrar o quanto o esporte é capaz de trazer autonomia:

— Quero ajudar na formação de novos Wilians, passando a eles as oportunidades que eu tive.

Fernanda Lagoeiro

‘Levanta, Márcia!’

Ex-atleta conta que, ao cair na cerimônia de abertura, lembrou-se de frase motivadora gritada por seu técnico após tombo na Paralimpíada de 1984

Gustavo Altman e João Pedro Soares

‘A chuva na cerimônia foram lágrimas de Deus. Ele estava emocionado’. Dessa forma simples e sensível, Márcia Malsar, de 57 anos, quatro vezes medalhista em Paralimpíadas, descreve o momento que a fez reconhecida mundialmente. Ao carregar a tocha a caminho da pira na cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos no Rio, perdeu o equilíbrio e caiu, na metade do percurso. Levantou-se sozinha e, apesar da fragilidade nas pernas, prosseguiu. Chovia muito no Maracanã. As lágrimas de Deus somaram-se às de mais de 50 mil pessoas presentes no estádio e muitas outras que assistiam pela TV.

Uma semana antes da cerimônia, Márcia pediu aos parentes que comprassem ingressos para o evento. A irmã, Mara, de 52 anos, entrou no site dos Jogos, mas esbarrou no custo: as únicas entradas disponíveis tinham preços elevados. Horas depois, no entanto, veio um inesperado telefonema. Era um representante do Comitê Paralímpico Brasileiro, com um convite ao mesmo tempo irrecusável e intimidador – Márcia não apenas assistiria à festa, mas também participaria dela como uma das grandes estrelas.

A ideia inicial era pôr as duas irmãs juntas na pista para a terceira passagem da tocha, de modo que Mara pudesse ajudar em uma eventual dificuldade. O convite foi aceito, mas com a condição de que Márcia fosse sozinha.

— Apesar das ajudas indiretas, ela conquistou tudo por conta própria — argumenta a irmã.

Ao final da ligação, as duas sabiam estar diante de um desafio imenso, que iria expor Márcia aos olhos de milhões de pessoas na TV.

“AQUI (O ENGENHÃO) É MAIS BONITO DO QUE O ESTÁDIO DE NOVA YORK. É A MINHA TERRA, NÉ?”

Márcia Malsar, ex-atleta

Trataram, então, de se preparar. Mara vasculhou estantes, gavetas, abriu e fechou armários. Enfim, encontrou o objeto desejado: uma garrafa plástica, com 30cm, forma cônica, fácil de ser segurada por dedos frágeis, era a peça ideal para simular uma tocha olímpica. Em sua casa, no município fluminense de Rio Bonito, Márcia praticou a caminhada que faria dali a alguns dias. De um canto ao outro do quintal de terra batida, a campeã percorreu a distância sem percalços, em um vaivém seguro. Durante o ensaio geral no Maracanã, repetiu a travessia ao lado da equipe de produção do espetáculo. Na véspera do grande dia, Mara alertava a irmã: “Só não vai cair, Márcia. Pelo amor de Deus!”.

Momentos antes naquela tarde do dia 7 de setembro, Márcia ameaçou desistir. Um integrante da equipe responsável pelo bom andamento da cerimônia olhou-a nos olhos, pegou sua mão e disse, repetidamente, com calma e certeza: “Este momento é seu, de mais ninguém”. Ela respirou fundo e foi – avançando na chuva, com a bengala, vencendo cada passo lentamente. A multidão no Maracanã torcia em silêncio, até que Márcia caiu. Ao levantar-se, sozinha, foi demoradamente aplaudida. Após a tensão que tomou o estádio, o alívio veio acompanhado de orgulho, mesmo que a maioria dos presentes não conhecesse sua trajetória. Márcia voltava a demonstrar, ali, a postura que sempre a acompanhou: a queda seguida do reerguimento.

Em 1984, na Paralimpíada de Nova York, durante a disputa por medalha na prova dos mil metros cross country, na classe C6, Márcia estava em primeiro lugar, mas se desequilibrou e tombou. Permaneceu imóvel no chão, perplexa com o que acabara de acontecer. “Levanta, Márcia!”, ela ouviu, vindo do fundo



Márcia emocionou o público ao carregar a tocha olímpica

da pista. Seguidas vezes: “Levanta, Márcia, levanta!”. Era o técnico Nivaldo Vieira, que acompanhava a trajetória da atleta desde o início de sua carreira. Seguiu os conselhos do treinador e continuou a prova. Acabou em segundo lugar – em outras duas provas na competição, ela ainda venceria os 200m e levaria o bronze nos 60m.

— Quando eu caí na abertura, não pensei em muita coisa. Mas me lembrei do Nivaldo. “Levanta, Márcia!” — recordou a atleta, com um sorriso largo. Ela tem dificuldades para falar por conta da paralisia cerebral, mas compensa a deficiência com uma comunicação facial expressiva.

Nascida em São Gonçalo (RJ), Márcia teve, aos 2 anos, uma infecção de sarampo, que evoluiu para um quadro de encefalite. Com o passar do tempo, a doença causou danos cerebrais irreversíveis. Ao deixar o hospital, o diagnóstico dos médicos era pessimista: ela dificilmente teria coordenação motora suficiente para falar ou andar. Para driblar a situação, a família passou a investir no esporte. A mãe, Maria José, sempre incentivou a filha a treinar, entendendo que mantê-la ativa seria a melhor maneira de atenuar os problemas. Apesar disso, raramente frequentavam ambientes esportivos juntas, já que Márcia sempre estava com sua equipe de treinamento.

Por conta da rotina pesada de uma esportista de alto rendimento, Márcia acabou se afastando da irmã, que seguiu carreira como técnica de enfermagem em outros cantos do país. Durante os anos de distância, Márcia ajudou a mãe, prioridade que se sobrepunha ao atletismo. O agravamento de seu quadro, contudo, tornou inviável o apoio adequado e necessário. Mara, então, retornou a Rio Bonito para auxiliar no cuidado de ambas. Hoje, as três moram juntas e vivem um delicado e gradativo processo de reproximação.

Depois do Maracanã, Márcia virou uma celebridade internacional. A convite do “Jornal Paralímpico”, ela foi ao Engenheiro de Carvalho junto com a irmã e outros três parentes na tarde de segunda-feira, dia 12, para acompanhar as provas de atletismo. Reconhecida por uma fã, ouviu a carinhosa pergunta: “Você é a senhora da



A ex-atleta assistiu aos Jogos no Engenheiro de Carvalho com o mesmo uniforme que usou na abertura da Paralimpíada, no Maracanã

abertura, não é?”. Márcia confirmou e iniciou-se ali uma enxurrada de pedidos de fotos, beijos e abraços.

— Quero pôr uma máscara — dizia. — Fico com vergonha!

Vergonha que rapidamente se transformou em orgulho quando lhe ofereceram a ajuda que ela sabe não precisar. Abordada por um voluntário, que gentilmente sinalizou o elevador que a levaria aos pisos superiores do Engenheiro, Márcia fez cara de poucos amigos e disse: “Rampa, rampa!”. E pela rampa subiu, junto com o restante do público.

“APESAR DAS AJUDAS INDIRETAS, ELA CONQUISTOU TUDO POR CONTA PRÓPRIA”

Mara Malsar, irmã de Márcia

Ao entrarem no estádio, emocionadas com a grandiosidade do palco esportivo iluminado, as irmãs se olharam. Nunca haviam estado juntas numa competição olímpica.

— Aqui é mais bonito do que o estádio de Nova York. É a minha terra, né? — disse Márcia, lembrando-se de suas conquistas nos Estados Unidos.

Márcia é do tempo em que a Paralimpíada não tinha a dimensão profissional e o respeito de hoje. Em

1984, ao experimentar os três andares do pódio, levou apenas as medalhas para casa – atualmente, um medalhista de ouro ganha R\$ 60 mil; de prata, R\$ 30 mil e, de bronze, R\$ 20 mil. A partir de agora, a homenagem no Maracanã e a celebração na tarde do Engenheiro são eternas, mas não significam uma vida melhor financeiramente.

As irmãs Malsar vivem com a mãe, hoje com 86 anos, em uma casa simples. Durante o tempo em que trabalhou como faxineira, Márcia contribuiu para a previdência social. Já há alguns anos, vive da aposentadoria que recebe do INSS, além de uma pensão à qual a mãe tem direito. A família lamenta a falta de ajuda do poder público. Embora diversos ex-atletas recebam auxílio financeiro do Ministério do Esporte, Márcia não integra esse grupo. Ela ainda toma remédios para depressão por conta dos espasmos e precisa, na maioria das vezes, de um acompanhante para poder caminhar – ainda que insista na inutilidade dessa ajuda. Ano passado, fez uma de suas primeiras viagens sozinha, de ônibus, a Minas Gerais.

Márcia talvez já não possa viajar anonimamente. Como tantos outros que deram suas vidas ao esporte e, paralelamente, lutaram contra o preconceito, foi tardiamente reconhecida. Mas, desde aquela noite no Maracanã, ganhou nome e sobrenome. Márcia Malsar fez história no Rio em 2016. Até Deus se emocionou, como se dissesse: “Levanta, Márcia, levanta!”.

A luta por mais acessibilidade

Jornalistas que usam cadeiras de rodas contam a experiência de percorrer as instalações dos Jogos. Falhas de comunicação por parte dos voluntários e dimensionamento do espaço foram obstáculos

A cobertura da Paralimpíada do Rio é a maior da história da competição. Ao todo, quatro bilhões de pessoas em mais de 154 países acompanharam as disputas pela TV, pelo rádio e pela internet, segundo dados do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês). Para que todas as informações fossem transmitidas ao redor do mundo, 2.136 jornalistas passaram pelas instalações paralímpicas durante os dez dias de provas. Muitos deles com necessidades especiais nem sempre atendidas nos locais de trabalho.

A repórter da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) Carla Azevedo participa da cobertura de Jogos Paralímpicos desde Atenas-2004. Para ela, os problemas de acessibilidade não foram só no Rio-2016.

— Foi assim em Atenas e em Londres — avalia enquanto conduz a própria cadeira de rodas pelo Parque Olímpico da Barra, explicando que a facilidade de acesso varia de arena para arena. — Em Deodoro, acompanhei o tiro esportivo e vi as provas por entre as frestas da barra de ferro que ficava na altura dos meus olhos, mas quando fui assistir ao judô foi muito bom.

Na Arena do Futuro 3, onde aconteceram as disputas do basquete, Jonas Wengert, jornalista de 23 anos do Seguro Social Alemão de Acidentes de Trabalho (DGUV, em alemão), precisou subir lances de es-



cada para chegar à tribuna – mesmo tendo problemas de mobilidade.

O transtorno foi causado por falta de informação dos voluntários no local. Segundo o gerente de acessibilidade da Rio-2016, Augusto Fernandes, que é cadeirante, a arena tem elevador para cadeiras de rodas.

A equipe de Sustentabilidade, Acessibilidade e Legado da Rio-2016 informa que a construção de áreas acessíveis nas instalações ficou a cargo da Empresa Olímpica Municipal (EOM) e, segundo Fernandes, foi um grande desafio direcionar a quantidade de espaço adaptado para os meios de comunicação:

— A acessibilidade nunca é 100%, mas temos que trabalhar para funcionar da melhor forma possível.

Thais Contarin

Augusto Fernandes e Carla Azevedo no Parque Olímpico da Barra

Olhos para ouvidos atentos

Audiodescrição misturou narração tradicional com informações sobre os esportes. Recurso esteve presente em 11 das 23 modalidades dos Jogos

Jakciane de Aguiar Pereira, de 25 anos, foi sozinha assistir à vitória do Brasil sobre Israel no goalball feminino. Ela não tinha quem lhe dissesse os resultados da partida, e mesmo assim não perdeu nenhum lance. Pessoas com deficiência visual que estavam na natação ouviram mais do que apenas quem venceu a prova e o tempo dos atletas. Elas deixaram a arena sabendo, também, quais eram as cores das toucas dos competidores e que o nadador André Brasil tem uma grande tatuagem nas costas.

Estas informações foram escutadas por quem acompanhava a narração audiodescritiva nas arenas, recurso que mescla a narração esportiva com elementos da audiodescrição. Informações técnicas da competição – nome dos atletas, placar, melhores tempos – eram intercaladas com uma descrição dos detalhes visuais da arena.

Os espectadores puderam ouvir a narração por frequência de rádio, em seus próprios dispositivos eletrônicos ou pelo aparelho de rádio distribuído pela organização do evento. O recurso esteve presente em 11

das 23 modalidades da Rio-2016.

Na natação, os comentaristas Bruno Rodrigues e Alan March narraram a prova em português e inglês, respectivamente. Para March, a narração audiodescritiva não se dirige só às pessoas com deficiência visual:

— Ela é desenvolvida para atingir a todos. É uma oportunidade de educar sobre esportes que, até então, muitas pessoas não conheciam. A ideia é não deixar o que vemos passar batido — explicou.

O número de dispositivos de áudio disponibilizados variou entre 50 e 150 unidades, de acordo com o esporte. Na natação, o total era 150 e uma média de dez aparelhos foram distribuídos por noite de competição, segundo Andrea Andion, diretora de rádio do Comitê Rio-2016. No goalball, o número de aparelhos entregues ao público por partida foi maior, chegando a 70.

O jogador da seleção alemã de goalball Stefan Hawranke utilizou o dispositivo na partida entre seus adversários brasileiros e americanos. Para ele, o recurso, apesar de não fornecer informações táticas do jogo, importantes para outros atletas da modalidade, tem grande utilidade para o público.

Augusto Fernandes, gerente de Acessibilidade, Sustentabilidade e Legado do Rio-2016, avalia que a inserção da narração audiodescritiva nos Jogos deixa um legado para outras competições esportivas.

— Temos que ser pró-ativos e dizer aos cegos que esse recurso existe. Ele faz uma diferença incrível.

Jorge Salhani